



Galato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 4 de Setembro de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1004 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

A Obra da Rua «é uma Obra de Rapazes, lançada para eles... que cada um deve zelar e amar qual menina dos seus olhos, devendo portar-se dentro dela de tal forma que mereça sair do lar comum para o seu particular.» (Pai Américo)

Vêm as palavras acima citadas a propósito dos casamentos ultimamente realizados, de dois rapazes com quase 23 e 17 anos e meio, respectivamente, de vivência nesta Casa, enquanto outro se apresta para o mesmo acto com 10 anos de permanência. Tal facto deve ser realçado pelo que encerra em si mesmo e caracteriza indubitavelmente a nossa maneira de ser. Também aqui, para lá das carências e deficiências da Obra, humanas ou materiais, há uma «palavra nova».

Sendo certo que «se algum (Rapaz) não quiser esforçar-se por uma adaptação dócil e séria, esse tem naturalmente de procurar situação» e que se outros se bastarem a si próprios podem ser convidados a dar lugar a outros, como sucede nas famílias numerosas, sem serem de maneira nenhuma uns despedidos ou renegados, em todo o processo está basicamente presente uma visão familiar. Que o digam tantos e tantos Rapazes saídos da Obra, nas situações mais diversas, a propósito disto ou daquilo, nomeadamente quando da descolonização que tivemos e ao pretenderem construir as suas casas, por exemplo.

Nos últimos dois anos, só na área desta Casa, foi possível promover o acesso de quatro Rapazes à sua própria casinha, enquanto outro, com suores e calos, vai travando a grande batalha da sua vida, que é a de ter lar próprio. De vários modos, quanto mais não seja psicologicamente, o que não é de somenos, vamos procurando ajudar os filhos da Obra, de norte ao sul do País.

Dentro da linha anunciada andamos empenhados em adquirir um terreno nas redondezas para, depois de loteado, permitir a alguns dos nossos a construção das suas próprias residências. Uns casados e outros solteiros aguardam a satisfação de um direito inalienável: o de terem habitação própria. É uma tarefa apaixonante, a que gostaríamos de dedicar uma parte importante das nossas forças, ainda que debilitadas pelos anos. Tal tarefa inscreve-

-se perfeitamente no espírito da Obra e para a sua consecução contamos com a presença dos nossos Amigos.

● Tem 14 anos. Acaba de deixar a venda do jornal. Numa passagem pela camarata foram-lhe encontrados doze jogos de quatro pilhas cada. O problema dos rádios já aqui referido. Desculpas as mais variadas e inconsistentes. São problemas de todos os dias.

Aqui há tempos pessoa amiga, que muito prezamos, escreve-nos a dizer ter enviado várias importâncias por um

Rapaz, nunca recebidas. Comunicado o facto, a referida oferta ficou naturalmente pesada, nunca pensando em tal ser possível por parte de quem possuía «olhos meigos»...

Ao comungar as nossas misérias mais não queremos lembrar aos Amigos que, no dizer de Pai Américo, «somos a seara imensa do trigo e do joio» e «Obra de sofrimentos íntimos que se não publicam», travando a cada momento uma batalha insana na defesa da Verdade, que, por hábitos e cos-

Cont. na 2.ª página



Não vamos buscar à Rua os perdidos para fazer deles uns oprimidos. Vamos, sim, tirá-los da falsa liberdade de fazerem o que lhes apetece e substituí-la pelo poder de cada um se determinar por si mesmo na escolha do bem ou do mal — a verdadeira Liberdade.

Não queremos a triste instituição do autómato, mas sim a racional e alegre Aldeia do autónomo. Nunca proibiu um Rapaz de fugir das nossas Aldeias. Raramente os proibimos de regressar. É a pedagogia do Evangelho. É o respeito à Pessoa. É a livre e amorosa expansão do ser humano. Jesus nunca obrigou nem obrigá quem quer que seja. Convida. Deseja. Espera. Mas não vai mais longe.

Muito sabe o discípulo, quando aprende nas lições do Mestre.

P. Américo

PARTILHANDO

Hoje foi dia de tribunal. Um trio fugiu: «Vinte e seis», «Príncipe» e Caboz. O primeiro, mais novo, de doze anos, foi **leader** da acção. Teve a ideia, fez os convites e realizou o resto. Positivo no negativo! Os outros dois, mais velhos, de 14 e 16 anos respectivamente, fizeram apenas companhia.

Este tempo, em nossa Casa, é favorável às fugas: o calor, as férias, a fruta nos campos, os sonhos de aventura, a **desorganização** própria destes dias. É tudo a puxar. Os mais fracos vestem logo a **camisola amarela**. E aí vão eles, estrada fora, cautelosos e assustados, pedindo aqui, furtando ali, dizendo o mínimo de palavras e mentindo na mira de alcançar o «tudo» da sua ilusão e até do perdão para o seu acto. Depois, regressam mais tristes e menos assustados. Contam por onde andaram e porque fugiram. Razões banais para nós, mas para eles não. Para o regresso já as razões são importantes: a fome, o sono, o vazio da ilusão, o cansaço do insaciável, a perda da imaginação, o encontro com o desconheci-

do, o diálogo com o indesejável...

Em Casa faz-se o tribunal — em família — onde se fala uma linguagem simples que motive o Bem e corrija o Mal.

«Vinte e seis» — o **leader** — interrogado se nos queria a nós ou não, chorou. E, diante de todos, à hora da oração da tarde, fez uma afirmação cara para si: «Nunca mais volto a fugir!»

Caboz já fugira, há dois anos, para junto da família e por lá ficara. Apareceu-nos, há dois meses atrás, dizendo que a mãe o tratara tão mal — que até de morte o ameaçara! Pobre mãe, pobre filho...! Pediu para voltar. Aceitámo-lo, de novo. Agora, perante a comunidade, ouviu a dura sentença: «Se voltares a fugir, não te poderemos aceitar mais... É o preço da liberdade e do amor que, hoje, te damos». Liberdade e amor que são fundamentos da nossa Casa — Porta Aberta para os que estão e para os que hão-de vir!... E são tantos os que esperam que se lhes abra a porta...!

Padre Moura

Reedição do «PÃO DOS POBRES»

recomendações: ser preenchido com letra bem legível — se possível letra maiúscula — e depois ser lançado em qualquer marco dos CTT, que se encarregarão de trazê-lo até nós.

Fernando Dias estava receoso que as férias comprometessem esta acção. Mas não. Concluímos estar já a equipa plenamente ao serviço, queimadinha do sol, com mais força para expedir aquele **Pão** — tão necessário aos Pobres — magnificamente escrito por Pai Américo.

Vamos dar-lhe a palavra. São revelações da página 34 do 3.º volume do **Pão dos Pobres**, sempre uma delícia para os nossos olhos — para a nossa alma:

«De entre os infinitos livros, de infinitos autores, que ocupam as estantes das lojas, nenhum é tão grato nem tão oportuno nem tão verdadeiro como

A presente edição de O GALATO leva um postal **RSF** (resposta sem franquia) que servirá, a todos os nossos leitores, de requisição do(s) livro(s) **Pão dos Pobres** — obra composta de três volumes — e/ou dos restantes livros lançados pela nossa Editorial.

É um postal muito simples, muito prático de preencher. Não valeria a pena, por isso, dar instruções; a não ser duas

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

TORNEIO DAS VINDIMAS — Está na forja um festival desportivo «Vindimas/82», com a presença de atletas dos concelhos de Penafiel e Paredes. Já distribuímos cartazes e principiaram as inscrições.

Os treinos dos nossos atletas, sempre em dia, começaram há muito tempo. Agora, é só acertar falhas.

Estamos plenamente convencidos de que o festival será bem disputado. Desejamos a todos boa sorte, pois o Desporto é uma festa.

LOBOS — A nossa mata foi limpa e vedada com rede na zona destinada a cabritos e ovelhas. Mas, neste momento, eles não se sentem bem nas suas instalações, feitas com tanto gosto. Anda por ali um lobo ou raposa que teve a coragem de matar duas ovelhas!

Esperamos, no entanto, poder retribuir ao lobo ou à raposa o que fizeram, para termos os cabritos e ovelhas em paz.

PADRE TELMO — A nossa Obra esteve presente no continente africano, onde estão muitos daqueles que formaram as nossas comunidades de Benguela e Malanje, os quais, por motivos conhecidos, ficaram sem lar e sem família.

Por isso, e por amor de todos os rapazes, o nosso Padre Telmo foi, agora, a Angola. A sua presença é o melhor presente para todos os gaiatos espalhados por Angola, na medida em que ele dedica toda a sua vida a cada um deles — a todos nós.

Desejamos ao Padre Telmo muito boa viagem e que encha de amor todos quantos encontre por essas terras fora, pois são filhos da Obra da Rua.

PRAIA — Está prestes a terminar a época balnear em nossa casa de Azurara (Vila do Conde). Regressou o terceiro turno e partiu já o quarto, semi-finalista, já que a época fecha com o grupo de vendedores de O GAIATO. Sim, porque todas as quinzenas, durante três dias, são «embaixadores» do «Famoso» por todo o norte do País. E, por isso, compensados com mais uma semana de férias.

«**BODAS DE PRATA**» — É altura de fazermos uma paragem e reflectir o que, na verdade, são vinte e cinco anos de Sacerdócio!

Comemoraram as «bodas de prata» sacerdotais: o nosso Padre Manuel António, em Angola, e o nosso Padre Acílio em Setúbal, nos dias 4 e 15 de Agosto, respectivamente.

Duas vidas dedicadas inteiramente ao Próximo, cheias de sacrifício por todos aqueles que são abandonados e desprezados — até pelos próprios pais.

Desejamos, aos dois, felicidades, e votos de longa vida sacerdotal.

AGROPECUÁRIA — Os estábulos da nossa vacaria estão a ser restaurados de acordo com as novas técnicas. Há muito tempo que precisavam de reforma! É uma obra importante para a nossa Aldeia, para a nossa comunidade. O leite é alimento

necessário. A carne de vaca, também.

O nosso celeiro estava vazio de batatas. Mas, agora, está a ficar cheio, com a nova colheita. Alguns dos nossos companheiros lá andam a apanhar o tubérculo; e, no fim do dia, são compensados com uma boa banhoca na piscina. Já temos comido batata nova, da mais pequena; e da defeituosa, mas cortada pela parte sã. Estamos ansiosos que termine a colheita para vermos o celeiro completamente cheio!

Os campos de milho e os vinhedos apresentam bom aspecto, apesar das videiras terem sofrido com o mau tempo. No entanto, parece que tudo se encaminha para o melhor. Graças a Deus!

Carlos Alberto

QUERO!

Quero que a alegria
Seja o teu dia-a-dia.
Que o teu coração
Não sinta mais
Completa solidão.
Que sorrias,
Mesmo triste.
Que rias
Como uma criança,
Feliz!
Que cantes
A favor da Justiça.

Podes pensar e dizer
Que sou um lírico.
Mas este nosso Mundo
Precisa de Espírito!

Quero que dances,
Quando te sentires só.
Que ames
Quando te sentires inútil.
Que grites
Quando vires alguém
Varado pela guerra.
Que modifiques
As más relações
Com outros corações.
Que sonhes
Um belo sonho de amor.

Podes pensar e dizer
Que sou um lírico.
Mas este nosso Mundo
Precisa de Espírito!

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A miséria faz miséria!
O vicentino entrega, regularmente, aos pais do bebé, uma importância para o leite do inocente — qual vida suspensa da generosidade dos nossos leitores!

Ele, o vicentino, procura inteirar-se do problema... Até que um dia acha melhor pôr a maquina só nas mãos do avô da criança... Uma virtude específica da visita domiciliária. Miséria cumprida, sem levantar poeira,

Estes problemas surgem, aqui e ali. Não podemos dramatizar. Já naquele tempo nos dizia Pai Américo preferir mais ser enganado pelos Pobres do que por outra gente qualquer. E mais: há dias, Padre Telmo segredamos, também, que alguém, de algures, recebia por vários carrinhos da mesma origem. «Até nisto são Pobres... Não é!?» Arruma a questão na linha de Pai Américo: «A Caridade jamais se rebaixa, por muito que se humilhe; e possui tal poder, que em qualquer parte desponha. Lidamos com almas; os magistrados com crimes».

● Outro caso difícil: O pai não correspondia às suas obrigações familiares e foram todos parar onde não deveriam ir...

Quem pode atirar pedras àquela mãe..., já sem o viço da juventude, com aparência de terceira idade!?

Fecha o alcouce. Tinha de fechar. Esta família era o último reduto e o dono do prédio ia pô-la na rua. Segui-

ria para onde, numa região onde a crise habitacional é calvário doloroso!?

Entretanto, a pobre mãe sabe de uma pequena moradia do Património dos Pobres, casualmente desocupada. Põe a questão... Toma conta da chave. Suspira d'alegria. Arruma a casa. Promete torná-la mais funcional e mudar de vida. Mas, no lugar, erguem-se as pedras da calçada com medo da epidemia! É posta a lição de Madalena, o Mandamento do Amor. Os ânimos serenam. A paz volta ao lugar. A família está feliz. É o gosto da mãe pelos arranjos da sua casa, por fazer dela o incrível. E não irão faltar vasos, flores, água, sabão, roupa estendida. Deus fará o resto. Quem duvida!?

Trinta anos depois, as telhas do Património dos Pobres ainda são o último reduto dos sem casa!...

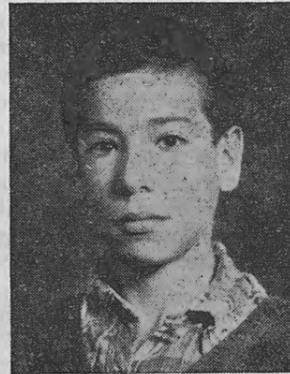
PARTILHA — Migalhinha de Oeiras (100\$00) «com a alma cheia de alegria». Moreira da Maia, dez vezes mais — «antes de partir para férias

e, como sempre, por alma de meus queridos Pais». Assinante 22879 faz contas com O GAIATO e o resto «é para a Conferência distribuir conforme for mais necessário». Assinante 31104 manda um vale de 500\$00, assinalando «a data em que perdi uma das pessoas mais queridas da minha vida». Outro vale, agora de 3.800\$00, partilha do vencimento mensal de senhora amiga, de Paço de Arco — quadro da função pública. P. M., de Coimbra, 1.000\$00. Quatro vezes mais, da capital — Rua República da Bolívia — «em acção de graças a Nossa Senhora». Um anónimo, de Odeáxere, idem. Odivelas, 200\$00 «em memória de meu querido filho». Agueda, do Porto, 200\$00. Cheque de 100 libras de Stow-on-the-world, Inglaterra. «Um amigo da Conferência», em Vila Nova de Famalicão, presente com 2.000\$00 «para ajuda de quem mais precisar». Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Retalhos de vida

Carlitos



Sou o Carlos Alberto Pereira Gomes — o Carlitos. Nasci a 2 de Janeiro de 1968, em Monte Real.

Vivi com a minha mãe e três irmãos numa casa muito pobre, um barraco que não tinha soalho, era só areia no chão.

Não conheci o meu pai. A minha mãe não trabalhava. Andava a pedir na estrada. E nós sachávamos os campos, em frente a nossa casa. A minha mãe só fazia uma sopa para nós todos. Mas, às vezes, os vizinhos convidavam-nos a comer em suas casas. Passávamos muito mal!

Durante a noite, eu lembro muito bem, ia p'ra lá gente, p'ra nossa casa... Arrombavam a porta. Não podíamos dormir. Era sempre isto quase todas as noites! A gente não podia dormir!

Um dia, de manhã, a polícia foi-me buscar acima de uma ribanceira. Levaram-me à esquadra e, depois, um senhor trouxe-me para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, onde estou, feliz, há nove anos.

Dois meus irmãos foram para um colégio, não sei donde. Só ficou o mais pequenino, em casa, com a minha mãe. Nunca mais vi ninguém da minha família. Agora, só tenho a família da Casa do Gaiato, onde procuro fazer-me um homem para a vida. Hoje, que seria eu se não viesse para a Casa do Gaiato!...

Frequento a quarta classe da Escola Primária. Depois, vou para a Telescola. E, quando acabar os estudos, escolho a minha profissão.

Sou distribuidor d'O GAIATO em Aveiro, uma terra muito linda, onde todos são meus amigos. Levo 550 jornais e nunca trago sobras. Passo-os todos. Fico lá, no Hotel Imperial, e sou muito bem tratado pelos donos do Hotel e também pelos seus empregados. Dão-me sempre coisas muito boas.

Aqui vai um abraço para todos do

Carlitos

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

tumes trazidos, nem sempre, por mal dos nossos pecados, se consegue vencer. Por isso, nunca será demais solicitar uma amizade esclarecida e inteligente, solidária e convergente, facilitando, assim, a acção que, como combatentes da primeira linha, temos necessidade de realizar a cada instante.

● Almoçadas e jantadas por toda a parte, de norte a sul do País, a pretexto das mais variadas coisas. Demagogias atrabiliárias e arbitrarias delapidam os dinheiros públicos, que não dos promotores das dissipações. Então, com eleições à porta, as coisas atingem a raia do incrível. Lamentável mas verdadeiro.

Infelizmente, para todos, continua a haver gente com fome, sem casa e sem outras mínimos de existência. Escolas sem condições ou degradadas aguardam reparações, quando não há falta delas. Esgotos e abastecimento de água ou fornecimento de electricidade aguardam a sua vez. Hospitais ou postos de socorro são carências em muitos lugares. Enfim, um par de necessidades elementares por satisfazer. Entretanto, como gastar o que não nos pertence é fácil, continua a sangria dos dinheiros públicos e não só. Onde está a austeridade para vencer a crise? Será que os portugueses não se convenceram ainda a ser comedidos e realistas? Deus nos perdoe, mas vemos com muito pessimismo o futuro e, por isso, aqui queremos deixar o nosso sentir e um protesto, ainda que com efeitos meramente platónicos.

Padre Luiz

SETUBAL

Por

PADRE ACÍLIO

N. da R. — Um vespertino lisboeta publicou, recentemente, uma série de entrevistas sobre «Marginalidade e crime no distrito de Setúbal», tendo ouvido o Prelado da Diocese, o Presidente da Câmara, o Governador Civil e o nosso Padre Acílio.

Atendendo à oportunidade das questões formuladas, transcrevemos, com a devida vénia, do Diário Popular, a opinião de Padre Acílio.

A marginalidade tem crescido porque têm aumentado os processos de marginalização; e os processos de marginalização não se avolumam apenas devido ao abandono. O que leva à marginalização é tudo aquilo que conduz à diminuição da dignidade do Homem. Quando uma pessoa perdeu o sentido da verdade, da justiça, da sua própria dignidade e, enfim, da cultura, do trabalho, da família, do ideal que sonhou realizar, está perdido. Perdido está todo o indivíduo que vive pelo imediato do dia-a-dia.

● «Boites» e prostituição

Penso que vivemos numa sociedade como a da história que antigamente se contava de um homem rico. Foi um grande benemérito: primeiro, fez os pobres; depois, distribuiu por eles os seus bens... Penso que o sistema em que vivemos é semelhante: primeiro, faz os marginais; depois, tenta arranjar processos para resolver o problema da delinquência. A gente vê, por exemplo, o crescimento brutal, sem que se lhe ponha um dique, da prostituição. Ora um dos caminhos que levam à prostituição é a abundância de «boites» e de bares, que, em Setúbal, existem às dezenas. Quase já são mais do que as tabernas e sem dúvida que o negócio há-de ser muito rendoso, que os seus exploradores muito ganham com ele. E até é natural que deixe dinheiro ao Estado.

● Droga

O que aflige é verificar isto: estive, há dias, num grupo de 40 jovens e deles era raro o que não tinha andado por «boites» e não se tinha metido, pelo menos, numa experiência de droga e noutras coisas tão graves como isso. E, aqui, é preciso perguntar se um jovem de 16 ou 17 anos, mesmo de 20, tem maturidade ou capacidade para se defender dessas situações. Terá? Claro que não!

Finalmente, a Judiciária veio para cá e tem desenvolvido uma acção muito eficaz. É um remédio, porém fraco — porque o mal a que se destina é cada vez mais fundo. Aí está: a gente diz que o Homem é livre, que podemos fazer uma data de coisas, porque estamos numa sociedade livre. Isso, todavia, sem se saber, na verdade, se nos encontramos numa sociedade livre ou, pelo contrário, condenada a uma situação de fracasso irremediá-

vel. Claro. Porque, sem dúvida, a liberdade do Homem... Um homem só é livre quando se liberta e o contrário quando se escraviza. E todo o processo de vida da nossa sociedade leva mais à escravização do que à liberdade.

A Casa do Gaiato também é um remédio... Sim, e para os piores males. Muita gente pensa que isto é um orfanato. Errado. Trata-se, sim, de uma Casa de rapazes abandonados — normalmente filhos de gente prostituída, gente alcoólica, gente... Quando digo gente prostituída, não me refiro só às mulheres, mas também aos homens. São, portanto, crianças geradas por pessoas que perderam a noção e o conceito humanos na verdadeira acepção do termo e, por isso, abandonaram os filhos de qualquer forma e feitio.

● A Escola deveria estar ao serviço do aluno

A mocidade também frequenta os bares, as discotecas, as «boites» porque, por exemplo, o Ensino não os serve convenientemente. Parece não haver a preocupação de lhes preparar horários seguidos, por exemplo. No Ensino Secundário, têm uma aula de manhã; depois, outra à tarde; depois, um intervalo de duas horas — sem condições para estudar, porque não há salas de estudo, não há bibliotecas, não há assistência adequada. Não há, enfim, ambiente propício ao estudo. Tão pouco actividades, sequer desportivas, para ocupação dos tempos livres. Nada! Então, que fazem os rapazes e as raparigas? Vão para as discotecas e para os bares, onde a Escola se esquece, onde os livros acabam por fazer parte da decoração. E o resultado está à vista. Bom, parece que a Escola deveria estar ao serviço do aluno. Mas não. Está, evidentemente, ao serviço de quem dela come. É isto, está-se a viver tudo ao contrário.

● Sintomas

Esse crime bárbaro (assassinio recente de um jovem, por outros dois, na cidade de Setúbal): os jornalistas descreveram-no, toda a Informação se lhe referiu, a opinião pública vacilou e ficou alarmada. Mas já acabou tudo, como se não se tratasse de um sintoma que deveria obrigar a todos bradarmos: Isto não pode ser! Ora, se está correcto o raciocínio, ter-se-á de chegar, naturalmente, à conclusão de que é preciso que as pessoas, isoladas ou em grupo, e as próprias forças políticas, digam, também, «isto não pode ser!», porque, caso contrário, os homens de amanhã já hoje se perdem. Só este exemplo: ainda há dias me falaram de um indivíduo que, numa noite, gastou 63 contos numa «boite». Ganhou esse dinheiro num negócio que tem e eu não o queria. Mas ganhou-o. E, numa noite, gastou 63 contos! Os indivíduos que nos roubaram aqui o gado, há dois anos, confessaram, na GNR, que, também numa só noite, gastaram 400 contos num desses estabelecimentos.

● A vida na Casa do Gaiato

Alegra-nos a vida na Casa do Gaiato, e trabalhamos com gosto, porque sabemos que de cada um destes rapazes fazemos um Homem. Isso dá-nos felicidade e profunda alegria, portanto, forças para continuar a trabalhar. Dos que saem daqui, e só saem quando constituem família, geralmente já depois de cumprido o serviço militar, são raros aqueles que enveredam pela criminalidade, pela droga, enfim, pela marginalidade. A menos que se trate de miúdos com 13 ou 14 anos e que contra isso não estão vacinados, quer dizer, ainda não têm a noção do que é cair na miséria e na lama.

Como vêm, aqui é-se livre: não temos muros, não temos arame farpado, não erguemos

barreiras de protecção. Eles sabem que esta é a sua família. Mas também não temos nenhuma protecção oficial. Os rapazes foram abandonados e vieram para cá, mas, aqui, também estão, de certo modo, abandonados. Qualquer mulher prostituta ou criminosa de outros crimes pode vir buscar o filho ou filhos. Vêm e roubam-nos, sem que eu possa fazer seja o que for. Nada! Às vezes, temos dois e três anos de trabalho sobre uma criança, encontra-se numa fase já adiantada e vem a mãe ou a tia, incita-a e... rouba-ma! Não temos guardas nem muros ou outras vedações. Nada disso é preciso. Mas queria que fosse possível chegar ao tribunal, fazer uma exposição de um crime contra as crianças e que, de imediato, o mesmo tribunal accionasse uma polícia que fosse no encalço de quem assim procedesse e me devolvesse o pequeno. Mas de imediato e não meses depois, após a apresentação da queixa e de todas as muitas formalidades, quando o menino já criou ou retomou vícios altamente nocivos.

Aqui é tudo à base do natural. Naturalmente, uma criança precisa de muitas atenções, precisa de Escola e de aprender aquilo que é belo. Ensina-mos-lhe, primeiro, a tratar um jardim, a cuidar das flores. Assim vai crescendo, até poder fazer o que aqueles fazem. Esses estão no 1.º e no 2.º ano do Ciclo Preparatório. Já tiveram duas horas de aulas, prepararam as lições e, agora, estão a trabalhar — embora com funções definidas, em completa liberdade. Ao meio-dia, almoçam; à tarde, novamente, vão para as aulas. Entretanto, nas oficinas da cidade outros mais velhos estão entregues aos seus officios de serralharia, carpin-

Aqui, na Casa do Gaiato de Setúbal, é-se livre — como em todas as Casas do Gaiato: não temos muros, não temos arame farpado, não erguemos barreiras de protecção.

taria, tipografia e mais. Quem quer seguir artes que não temos nas nossas oficinas vai trabalhar fora do complexo escolar.

● É necessária uma mentalidade nova

Normalmente, todas as obras do Estado funcionam sobre princípios anacrónicos. E também aí, atenção, há uma escola de marginalização. Pode correr tudo bem até à saída, mas, nessa altura... Que sabe um rapaz ou rapariga com 17 ou 18 anos? Vejam bem o que é criar-se uma pessoa, desde menino, num ambiente superprotegido, como normalmente são os estabelecimentos oficiais, e, de repente, ficar entregue a si próprio, sem nenhuma experiência da vida real. Daqui não sai ninguém antes de constituir família e de ter normalizada a sua nova existência.

É necessária uma mentalidade nova. Há dias, alguém nos alvitrava que processássemos a canonização de Pai Américo. A santificação de Pai Américo. Para quê, se toda a doutrina de Pai Américo ainda está nos livros e não se aplica? Quer dizer: Somos oito pais e temos de 600 a 700 rapazes em Setúbal, Lisboa, Coimbra, Paço de Sousa e Beira. Ora, isto não se pode fazer com meia dúzia de homens, porque para além do mais, os problemas da marginalização e do abandono crescem dia após dia e são dramáticos. Tenho montes de pedidos. Em Janeiro, num dia de chuva e frio, veio aqui uma senhora. Apareceu antes da Missa, quando acabara de me levantar, e, ao vê-la, apertou-se-me o coração, alterou-se-me o ritmo cardíaco, porque fiquei com medo — pensei que me viesse fazer um pedido que não poderia satisfazer, porque tenho tudo cheio. Completamente cheio. E não dispomos das condições ideais.

As nossas Escolas mal funcionam. Os professores são oficiais; tenho dois bons, mas precisava de mais dois. Tivemos uma professora, que, este ano, praticamente, ainda não leccionou, por motivo de complicações da sua vida particular. Há muitas faltas dos docentes, os miúdos são inquietos e põem-nos fora das aulas (a gente não sabe o que há-de fazer). De maneira que... enfim, trabalhamos em condições muito precárias. Já não queríamos que nos dessem muito dinheiro, embora saibamos que estes 120 rapazes, em estabelecimentos do Estado, custariam muitos milhares de contos por mês. O que queríamos, para já, era que nos dessem professores. Três não chegam, quatro ou cinco não eram demais. E aqui está: quanto custa ao Estado um marginal? Muito mais do que

Cont. na 4.ª pág.



Um bocadinho de história

Na minha euforia do «Julho, mês natal na Obra da Rua» — publicado no milésimo número de O GAIATO — incluí o dia 4 como data de ordenação de Padre Manuel António (seis anos depois seria a de Padre Luiz) e ocasião da primeira palavra pública e solene da Igreja a respeito da Obra da Rua. Na Redacção do jornal decerto não repararam; por isso, não corrigiram. Eis-me, pois, a desfazer o engano: Tal acontecimento não foi em Julho, mas em Agosto de 1957.

Tivemos, portanto, estes dias, as «bodas de prata» de dois dos nossos padres: Em 4, as de Padre Manuel António; em 15, as de Padre Acílio.

Para os três padres que ficámos à morte de Pai Américo, a vinda destes dois companheiros foi um presente do Céu. Ainda hoje não consigo recordar esse ano, de Julho de 1956 a Agosto de 1957, sem um estremecimento profundo e a impressão de que não seria capaz de repeti-lo. É certo que abundavam as forças da juventude, mas faltava-nos a expe-

riência e o amadurecimento que só o tempo dá.

Tivemos, então, de dividir a condução da grande barca pelos três que éramos. Padre Baptista ficou com as Casas do Sul: Tojal, Lar de Lisboa e Setúbal. A Padre Horácio coube as duas Casas do Centro e o Património dos Pobres a sul das dioceses de Coimbra e Guarda, incluindo-as. Restava Paço de Sousa, Lar do Porto e Beire e o Património dos Pobres a norte das referidas dioceses — foi a minha parte. O GAIATO era de todos.

O Património dos Pobres era a «menina dos olhos» de Pai Américo à data da sua morte. Começado de pequenino como tudo que lhe nasceu no coração sacerdotal, o movimento da construção de casas para indigentes cresceu rapidamente desde 1951. Mas este ano a que me venho reportando, foi tempo de explosão: a média de uma casa por dia em todo o País.

Embora o Património dos Pobres seja, desde o princípio, de iniciativa e responsabilidade paroquiais, a verdade é que o dinamismo da ideia vinha da Obra da Rua e nesta se juntava o grande mealheiro que permitia estimular localmente as construções. Seria tração nossa parar; e, por graça de Deus, não parámos apesar do

enorme dispêndio de tempo e de energias.

Era evidente, pois, o nosso cansaço quando vieram unir-se-nos estes dois primeiros padres que as Igrejas diocesanas do Porto e de Coimbra nos deram. Recebemo-los com lágrimas de alegria; e o sentimento de força que eles nos trouxeram ainda hoje é.

Mas este tempo de dura provação foi também uma época feliz de fundadas esperanças. Em Seminários que mais de perto contactávamos, notava-se um fermento de inquietação pelo abandono de tantos Pobres. Pudessem as dioceses dar-nos aqueles que desejavam vir e nós teríamos acolhido em breve prazo mais alguns padres. Fora dos Seminários a mesma constatação. A palavra de Pai Américo estava a cumprir-se: «A minha Obra começa quando eu morrer».

Em 1958 o Senhor Cardeal Cerejeira deu-nos Padre José Maria. Com ele pudemos compor a nossa vida nas Casas então existentes. Padre Baptista vem para Beire; e o Calvário simbolicamente inaugurado fez, no passado 16 de Julho, 25 anos, iria então começar efectivamente.

A vinda de novos padres abrir-nos-ia (abriu!) os caminhos de África.

Tudo isto me ocorre nesta

hora de acção de graças, pelo Padre Manuel António e pelo Padre Acílio. Hora, também, de muito cansaço (o desgaste dos anos é implacável) e de horizontes menos abertos que há 25 anos quanto ao crescimento dos «pelicanos» que hão-de atear com o seu sangue, pelo tempo fora, esta fogueira do amor do Próximo que Pai Américo acendeu e declarou perenemente acesa com a garantia do sacrifício da sua vida, selada pela sua morte. A sua palavra profética, até agora verificada, inrepetível por qualquer outro, é um fundamento forte da nossa esperança. A sua Obra não «começou» apenas imediatamente após a sua morte. Está «começando»... Está sempre em «começo» enquanto houver irmãos

esquecidos e injustiçados que precisem das nossas vidas. Temos de esperar e de merecer outros «principiantes» que nós rendam no momento da nossa exaustão. Temos de merecê-los com o nosso sofrimento, sim; mas também com muita humildade, muita compreensão, muita caridade, muita oração.

E quando digo «temos», penso em todos os que amam a Obra e não realizam em suas mentes a possibilidade de qualquer hiato neste «começo» incessante que a Obra é e deve ser, após Pai Américo.

Deus nunca falta aos que n'Ele creem, aos que só d'Ele esperam. Que não deixe faltar em nós a confiança n'Ele.

Padre Carlos

JANELA ABERTA

■ Topámos mais um Auto-construtor, trabalhador da construção civil, de cujo sector há muitos deles. E mais haveria...

— Tenho a casa a crescer. Obra custosa...! Só trabalhamos nela às fins-de-semana. Estou muito empenhado, mas isto de a gente fazer um tecto prós nossos arranjos, até dá gosto. Deus m'ajude...!

Foi um desabafar de canseiras, trabalhos, bloqueios (oficiais), poupança — realização pessoal, familiar!

— Quando chegarmos à telhada podemos contar com alguma cousinha...?

Numa sociedade dita cristã, onde os valores da Família fossem acautelados na prática, haveria a nível concelhio modalidades oficiais, desburocratizadas, para se dar a mão a esta classe de gente. Porém, na generalidade, estas acções são marginalizadas. Talvez porque «a construção de casa própria não resolve o problema da habitação» — segundo lemos, recentemente! Como andamos longe do velho aforismo português: «Onde todos ajudam nada custa»!...

O Pobre só pode contar com o seu esforço pessoal e/ou familiar. Em todo o lado surgem entraves. Se as próprias leis e regulamentos — quem os aplica — fomentam impasses, oneram custos, desmotivam o cidadão!

Chegaram, agora, à conclusão de que o sistema de crédito — que proporcionaria a cada família levantar a sua moradia com um quarto do seu rendimento mensal — não tem aplicação prática na gestão financeira do País. Lamentamos. Desfazem o sonho de muitas famílias pobres que merecem o respeito de todos nós. O crédito será, pois, reformulado mais uma vez — como prevíamos. A proposta foi en-

tregue a um grupo de trabalho especializado e estará pronta em meados de Setembro.

A propósito: um dos mais importantes estabelecimentos bancários teria 3500 processos aguardando deferimento e só dentro de ano e meio — mantendo-se o actual estado de coisas — serão efectuadas as escrituras, pois as dependências da instituição estão sujeitas a «plafonds» de crédito fixos. É uma indefinição que agrava os problemas económicos, e sociais, de muitas famílias portuguesas — sobretudo as mais pobres — já motivadas a erguer as suas próprias casas!

■ «O GAIATO é um jornal pacífico. Ocupado como anda com os trabalhos da Paz, nem sequer dá fé da guerra; e nunca fala de guerras. Nós queremos a Paz!»

Esta citação de Pai Américo — como «programa do Evangelho» — leva-nos a reflectir, mais uma vez, sobre a Fome que grassa pelo Mundo fora. Por exemplo, a Índia tem mais de 350 milhões de pessoas na extrema miséria! Ora, segundo Indira Gandhi, «pelo custo de um só míssil intercontinental nós poderíamos plantar 200 milhões de árvores, irrigar um milhão de hectares, alimentar 50 milhões de crianças dos países em desenvolvimento, comprar um milhão de toneladas de adubos, construir um milhão de pequenas instalações de produção de gás de fermentação, ou edificar centros de cuidados para 65 mil pessoas ou escolas de ensino primário para 340 mil crianças».

Um contraste terrível! E os homens não dão fé...?

Pai Américo voltaria a exclamar com a mesma Força de ontem: «Nós queremos a Paz!»

Júlio Mendes

De uma carta

«Para quem, como eu, acredita que só há um caminho que pode salvar Portugal e Angola, que é a aliança e cooperação estreitas entre as duas Nações como irmãs; para quem, como eu, ouviu dos próprios lábios de António Sérgio, que pensava da mesma forma que Norton de Matos, de quem era amigo, que os portugueses e os angolanos, sem essa aliança, serão criados dos estrangeiros em sua própria casa; para quem, como eu, recebeu esta mensagem — quando o Padre Manuel António diz: «Nunca haveréis de acusar-nos de abandono do nosso posto de serviço», isto depois de tudo quanto ele deve ter sofrido, comove-me até às lágrimas, lágrimas de alegria.

A sua carta é um sinal de Deus. Deus não abandonou a grande família portuguesa, na qual eu incluo os angolanos.

A. L. M.»

Setúbal

Cont. da 3.ª página

a educação de boa meia dúzia de crianças. Mesmo que houvesse um professor só para cinco ou seis meninos, economizar-se-ia muito e a marginalização, reflexamente a marginalidade, diminuiria muito. Seria importante, mesmo só do ponto de vista económico. Nem vale a pena falar do que é salvar e fazer um Homem, do que é de uma raiz fazer um tronco forte para a sociedade do futuro.

Padre Acílio

Reedição do «PÃO DOS POBRES»

Cont. da 1.ª página

este, sem autor: Pão dos Pobres.

Tenho procurado nos jornais de grande curso, desde que o livro gira, qualquer palavra amiga que revelasse ao mundo o tesouro que ele é, para ser assim mais avidamente procurado; e vim a saber qual a razão do silêncio feito nos ditos jornais: É que — disseram-me — para que as gazetas falem, é necessário pedir e oferecer, em seguida, dois exemplares da obra.

Em vista de tais regras sociais, deliberei caminhar, como até aqui, sem regra; e colocar nas mãos do nosso Deus Vivo, o negócio dos Seus Pobres. Há-de Ele mesmo revelar o tesouro às almas, pois que é, por natureza, o Deus da Revelação.

O negócio do livro, colocado assim nos mercados do mundo, continuará a ser feito, como até aqui, em silêncio; e se alguém disser alguma coisa dele, fá-lo-á na forma de cartas, assim:

«Padre! Comprei hoje o seu livro. Não é livro, é sangue, é alma, é pão para os que sofrem numa forma mil vezes maior do que a dos seus gaitos...»

(...) Tenho presentemente na minha ideia o vulto de alguns senhores que costumam escrever em fundo, nos periódicos do norte e do sul do País. Pela sua autoridade e convicção, podia qualquer deles ser instrumento de Deus e dizer uma palavra ao mundo acerca do Pão dos Pobres, que levasse o mundo à convicção. Não que o preço do Pão subisse, mas seria certamente mais procurado, a bem do Pobre.»

Ora bem, há muitos anos já — com o seu acordo — optámos por motivar os nossos Amigos directamente; e com o postal RSF, inclusivé. Sirvam-se dele, pois, como se fora um objecto sagrado!

Mais: Se já dantes nos deleitávamos com os textos de Pai Américo, que dizer agora!? Estamos a ouvi-lo com simplicidade, com verdade proféticas: «Depois d'eu morrer é que vai ser...!» E! E será cada vez mais, por ter colocado «nas mãos do nosso Deus Vivo, o negócio do pão dos Seus Pobres. Há-de Ele mesmo revelar o tesouro às almas, pois que é, por natureza, o Deus da Revelação». Eis! — exclamaria, finalmente, com toda a Força da sua alma.

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Agosto: 56320 exemplares